

No dia a dia da creche: como e quando se acolhe? Quem se separa de quem?

Trabalho apresentado na Jornada do Instituto Sedes Sapientiae/Departamento Psicanálise com Crianças, o Olhar, a Palavra e o Silêncio na Clínica do Infantil, em junho de 2015, na mesa “Os espaços de subjetivação do bebê: acolher e separar para nascer a vida psíquica”.

Cisele Ortiz
M. Teresa V. de Carvalho

Integrantes da equipe do Instituto Avisa Lá (www.avisala.org.br)
Membros da diretoria da ABEBÊ / gestão 2104-2016 (www.abebe.org.br)

Primero, é importante contarmos do lugar de onde estamos falando: somos formadoras de professores e gestores de creche. Nosso desafio principal é oferecer instrumentos para apurar o olhar do adulto sobre a criança com a qual ele está lidando, tornando observáveis as especificidades da criança bem pequena, suas competências, seus interesses e suas necessidades.

Nosso universo de ação são escolas públicas de diferentes cidades do país. E um dado importante é que os bebês de 0 a 1 ano, praticamente, não estão sendo atendidos nas creches. Os dados apresentados falam de 0 a 3 anos, o que mascara os indicadores de 0 a 1 ano. Por isso nossa reflexão se refere à creche como um todo, aquela que atende crianças de 0 a 3 anos, em uma média de 150 crianças por unidade escolar, em um atendimento de 10h diárias. As crianças que frequentam a creche permanecem nela 6 hs por dia em média.

Ainda é incipiente o olhar específico para o bebê em uma instituição de educação, já que tende-se a olhar só para as demandas de cuidado físico ou, em uma outra vertente, busca-se ampliar esse olhar, mas de modo viciado, dentro de um conhecimento escolar para crianças maiores. Neste caso, exige-se, por exemplo, que uma criança de 1 ano e meio escute uma história sentadinha em uma roda, olhando atentamente para quem a conta, do início ao fim, tarefa quase impossível.

Quem é a criança pequena, o quão competente ela é, como pode beneficiar-se de uma convivência coletiva, como aprende e como pode ocupar-se e descobrir coisas com autonomia são focos do nosso trabalho com os educadores. Tarefa desafiadora, pois implica em mudanças de paradigmas, em promover uma nova cultura institucional que possa romper com modelos arraigados desde a infância de cada adulto.

Cabe lembrar que a creche deve ser entendida como lugar de aprendizagem e convivência, que zela pela saúde e bem-estar, aonde as crianças chegam para brincar e desenvolver-se. Mesmo quando atende crianças com necessidades especiais ou acolhe aquelas com doenças crônicas ou circunstanciais, o que predomina é o viés da educação, da possibilidade de priorizar a diversidade em todas as suas instâncias, da promoção de um desenvolvimento integral, assim como promoção de bem-estar, e, portanto, de saúde. Entendemos o espaço da educação coletiva como um espaço potencial de extrema relevância para a promoção de saúde em sua ampla concepção.

Compreendemos que a creche, enquanto espaço coletivo de educação de bebês e crianças pequenas, especialmente na relação direta do adulto, ocupa um lugar importante e específico na sua constituição psíquica. Nesse espaço, o profissional que lida com a criança:

- fala com ela, interpretando seu choro, sua face, seus movimentos (ou ausência deles) como gestos dotados de sentido;
- cuida da criança – isso inclui a presença constante de trocas corporais, usualmente investidas de carinho e satisfação;
- reage ao que a criança faz com uma atitude curiosamente semelhante a um espelho (por exemplo, se ela faz algo, o profissional tende a repetir o que ela fez ou a inverter o gesto realizado de forma simétrica);
- pede e oferece às crianças palavras, antes de tudo, nomeando e significando suas ações;
- também por meio das palavras, oferece manipulações protetoras, impedimentos e experimentos pelos quais apresentamos o mundo ao novo ser.

O espaço institucional, frequentado pelos bebês e suas famílias, é, portanto, um dos lugares onde se vivencia esse processo de subjetivação. Ao fazer essa afirmação, estamos assumindo uma grande responsabilidade como educadores e pensadores do espaço coletivo de educação de bebês. Considerando, para isso, todos os acontecimentos que fazem parte do dia a dia na instituição e o envolvem:

- O momento diário da separação da família – sair dos braços da mãe ou responsável e ser recebido por um profissional que vai se responsabilizar por ele a partir daí.
- O cuidado em suas necessidades corporais, tais como sono, alimentação, higiene e proteção.
- O cuidado em suas necessidades afetivas, sendo tocado, aconchegado, respondido em suas demandas de comunicação e acolhimento.
- A vivência de diferentes experiências sensoriais, motoras e exploratórias de descoberta do mundo que se abre para ele. Experiências cognitivas, relacionais e comunicativas que estão diretamente ligadas a cada etapa de seu desenvolvimento. Nesses momentos concretiza-se o fazer do educador, que não tem a dimensão apenas de guarda e cuidados físicos, mas de articulador entre a criança e o universo simbólico, humano, onde ela vai estar inserida e se reconhecer como pertencente a este grupo humano.

Falar de acolhimento em uma instituição coletiva de educação é falar da postura de cuidado. O cuidado tem uma dimensão específica na Educação Infantil. Em primeiro lugar, por ser indissociável à dimensão da educação. Cuidar e educar estão interligados na ação junto à criança. As atividades de cuidado não se diferenciam das atividades pedagógicas, pois ambas são aspectos da mesma experiência do ponto de vista da criança. Além disso, cabe lembrar que o cuidado de si deve ser um dos campos de experiência da criança na instituição. Aprender a cuidar de si é um dos objetivos institucionais; e, lembrando Foucault, diz respeito à dimensão ética de atitude e autonomia, encarnada em práticas, reflexões e maneiras de ser. Para cuidar do outro, é preciso aprender a cuidar de si; e isso se dará, no cotidiano da creche, nas relações de qualidade entre adultos e criança. Olhar nessa direção é o que chamamos de uma postura de cuidado, enfatizando, em primeiro lugar, o respeito à singularidade do outro.



O cuidar está em diferentes dimensões do acolhimento:

1. No educador que lida com o bebê.
2. Nas crianças em todos os momentos da rotina.
3. Na família que deixa seu bebê na creche.

Falaremos, então, de cada uma dessas dimensões.

Acolhimento ao educador

Quem acolhe o educador?

Quem o acolhe é uma gestão pedagógica que prioriza os espaços de formação, tanto inicial como continuada. Espaços esses que incluem a informação, a reflexão e também a escuta atenta.

Entra aqui a valorização do conhecimento específico sobre as crianças e a natureza desse trabalho. A educadora entende de crianças pequenas? Qual é a sua experiência e seu entendimento sobre as necessidades específicas do bebê? Quais são suas ansiedades cotidianas ao lidar com o bebê e suas famílias? Estas são considerações importantes, pois entendemos que o adulto precisa estar preparado para o tamanho dessa tarefa, uma vez que a qualidade da relação estabelecida entre ambos está diretamente ligada à qualidade do desenvolvimento e aprendizado da criança.

Lembramos o que diz a pesquisadora Maria Carmem Barbosa, ao falar das especificidades da ação pedagógica com bebês:

*Educar bebês não significa apenas a constituição e a aplicação de um projeto pedagógico objetivo, mas implica em colocar-se, física e emocionalmente, à disposição das crianças e isto exige dos adultos comprometimentos e responsabilidade.*¹

Destacamos a importância dele estar à **disposição** da criança. É imprescindível, para pensarmos a educação de bebês em espaços de vida coletiva, a valorização das relações interpessoais e, em especial, a do adulto com o bebê em uma relação estabelecida profissionalmente.

Para se atuar profissionalmente, é preciso um saber específico, que não vem simplesmente da história pessoal da professora, e sim de um ensinamento que é o saber da profissão. Observar, proteger, guardar, cuidar da saúde e da higiene, dar atenção ao crescimento e desenvolvimento, brincar e ocupar, educar e ensinar compõem a caracterização do profissional. Além disso, este saber envolve oferecer um contorno de ambiente no qual a criança pode usar o tempo de modo a valorizar a sua ação em um espaço organizado e propício ao movimento, à interação mediada pela linguagem enriquecida e significativa.

Então, os educadores precisam ser acolhidos nas demandas “urgentes” de sua profissionalização.

Há um desafio a ser enfrentado aqui, pois a creche é lugar do coletivo. Não falamos, portanto, de relações duais entre um educador e uma criança, como a evidenciada na relação mãe-bebê. Quando os educadores são questionados sobre a natureza de seu trabalho, apresentam sempre essa dimensão, lembrando que não se ocupam de apenas uma criança, assim como não ele não é o único incumbido dessa tarefa. O trabalho se caracteriza pelo atendimento em grupo e a um grupo de crianças. Embora o lidar com o bebê aconteça em uma relação entre dois – que remete à relação mãe-bebê e onde predomina a dependência da criança em relação ao adul-

¹ Barbosa, Maria Carmem. “As especificidades da ação pedagógica com os bebês”. Disponível em <http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&task=doc_download&gid=6670> Acesso em 2010.

to –no contexto da creche, essa relação coletiviza-se de certa forma, pois não há exclusividade nesse relacionamento, nesse lidar com a criança. Os bebês são atendidos em seus apelos ou chamados de acordo com a possibilidade do adulto no momento, ou da dinâmica estabelecida em decorrência da organização do grupo de educadoras dos berçários. Pode acontecer, inclusive, de uma educadora começar uma tarefa e outra a terminar – como, por exemplo, uma troca de fralda ou alimentação–, em função de um chamado de outra criança ou do cumprimento do horário de almoço dos funcionários. As educadoras estão, realmente, mergulhadas no “a gente é quem faz”. As “tarefas” a serem realizadas predominam sobre as “ações” necessárias para o contorno psíquico no qual a criança vai desenvolver.

Outro aspecto deste coletivo, traduzido nas ações, é observado na dinâmica geral de atendimento e convivência do berçário, onde são poucos os momentos de exclusividade e privacidade entre educador e bebê, como aqueles que acontecem na troca, no banho ou quando as educadoras embalam-no no colo para dormir. Mesmo nestas situações, é comum observarmos a “não privacidade”, pois pode haver outro bebê por perto, engatinhando ou no colo de outro adulto, com o qual a educadora fale simultaneamente. Em algumas instituições, é comum as educadoras fazerem as crianças dormirem lado a lado, nas almofadas, cantando para uma e dando tapinhas nas costas da outra, ao mesmo tempo em que observam e ajeitam uma terceira que está sentada, brincando com algum objeto, apoiada ao seu lado, a qual só é colocada no berço depois de dormir. Ou seja, embora seja um momento de exclusividade para dormir, com o ambiente calmo e voltado para isso, ele não se caracteriza como privado. Há variados modos de cuidar do sono, mesmo coletivamente, como, por exemplo, colocar as crianças para dormirem direto no berço ou embalar no colo aquelas que pegam no sono mais dificilmente.

Como acolher esse adulto que necessita atender às necessidades individuais no coletivo?

Vitor Guerra afirma que o educador, no seu trabalho cotidiano com os pequenos, está “sub-



merso numa busca comprometida em oferecer condições de subjetivação ao bebê”. Isso “implica não apenas uma formação específica sobre o que é o desenvolvimento do bebê, mas fundamentalmente uma disposição mental (afetiva) dentro da educadora”. Explica ainda que:

O processo de subjetivação é um lento movimento de apropriação que, para que aconteça deve-se experimentar com o outro o prazer estético (sensorial e rítmico) de compartilhar as emoções, integrando o novo, o surpreendente, o inesperado como manifestações de uma mútua criatividade. Esse prazer criativo mútuo aparece em muitas experiências lúdicas e de cuidado que acontecem espontaneamente durante os dois primeiros anos de vida de um bebê (brincadeiras face a face, cócegas, esconde-esconde, imitação recíproca, vocalizações e ‘traduções’, situações de acalmar, primeiros deslocamentos, etc.).

Com isso, esse autor afirma que a ética dos cuidados começa com cuidar da educadora, para que ela entenda as mudanças que acontecem em seu mundo afetivo ao cuidar de um bebê. O choro, o medo da criança se machucar em seu “turno”, a criança que não come, a criança que não dorme; o que mobilizam no educador? Quem ouve estas demandas?

Cabe aos gestores da instituição e, antes disso, às normas que regem o trabalho institucional ter espaço de conhecimento e escuta desse adulto. Quem são nossos educadores? Como fazer com que eles sintam esse prazer criativo? Como dar voz ao seu conhecimento prévio e à concepção específica da criança?

Estas são questões que deveriam ser respondidas nos contextos formativos, buscando-se estratégias adequadas, com tempo para essa escuta e reflexão. Nesse sentido, acolher significa principalmente cuidar dessa formação, para que ela não seja simplesmente transmissiva, e sim um conhecimento construído na relação cotidiana com a criança. Deve-se preparar o professor para que ele esteja atento à criança e, por sua vez, acolha-a nesse momento crucial de subjetivação: falar, nomear, interpretar gestos, supor uma intenção, supor um sujeito na ação do bebê, fazer-se presente, reagir.

Este conhecimento não é muito fácil de ser construído. Não basta saber de desenvolvimento infantil, mas também como manejar os afetos cotidianamente. São raros os momentos de formação em que se permite, ou que possibilitam, isso, estas demandas implícitas.

Para que isso seja garantido, poderíamos lançar mão de alguns recursos ou instrumentos de formação: tematizações sobre a prática (problematização a partir da observação da prática cotidiana), registros reflexivos, conversas mediadas (circulação da palavra), avaliações continuadas, acompanhamento constante do trabalho.

Entra aqui também o investimento na ampliação do universo cultural do professor. Para ajudá-lo a olhar para a criança e para o mundo de modo sensível, apostamos na apresentação da literatura diversificada, buscando no professor um leitor constante, assim como nas artes em geral: plásticas, musical, do movimento. O professor de bebês também precisa aprender a olhar para o universo da estética e da sensorialidade.

Quem se separa de quem?

Nesse trabalho de formação e acompanhamento do professor, também cabe falar de separação. Aqui ela pode ser entendida como um paradigma, pois a maioria dos adultos ou tem mais experiência com crianças maiores ou apenas no âmbito familiar. É preciso separar-se de alguns mitos, concepções equivocadas e olhar doméstico para a criança.

O educador também se separa da criança, pois não pode entendê-la como sendo dele. Ele constrói um vínculo que envolve o separar-se, pelo menos fisicamente, daqui há algum tempo, seja na jornada de um dia ou nos três anos da creche. Alguns têm resistência em envolver-se para não se apegar à criança e sofrer depois. Às vezes é necessário aguentar o fato de que pode até sumir da lembrança da criança.

Há ainda a tarefa, muitas vezes árdua, de separar o filho da mãe, a qual também envolve consciência de seus limites e possibilidades como educador.

O desafio é ajudar o professor a construir um novo olhar e acolhê-lo nesse processo, principalmente em um contexto adverso como o nosso, onde o espaço de formação não é garantido, por conta da extensa jornada de trabalho e a inconstância dos recursos humanos.

Acolhimento ao bebê em todos os momentos da rotina

No trabalho em creches, a ideia de acolhimento está geralmente restrita ao entendimento do processo de inserção de crianças pequenas no âmbito institucional, também chamado de

processo de adaptação. É a tentativa de amenizar os impactos e as dificuldades inerentes ao enfrentamento de situações novas, como, por exemplo, entrada de crianças, mudanças de grupo, substituição de educadores, saída de crianças para outra instituição, mudanças no funcionamento cotidiano, etc. De um modo geral, podemos dizer que esse entendimento já está incorporado ao cotidiano das diferentes redes de creches, embora ele nem sempre seja feito com qualidade e continuidade. Cuidar da adaptação e do tempo das famílias, deixar as famílias permanecerem na creche e fazer a entrada no início do ano de forma gradual são aspectos que fazem parte desse entendimento.

Aqui, a ideia é olhar para além desse processo inicial de familiarização da creche e do bebê, bem como de conhecimento mútuo entre família e instituição, mas também olhar para todos os momentos da rotina na especificidade do trabalho com o bebê. Acolhe-se quando se recebe afetivamente e se diz para a criança: “aqui também é seu lugar”. É a sua casa também: você pode fazer o que quiser, você pode se sentir único.

Pedagogicamente não é dela, mas é para ela e todos os outros, com normas e regras específicas e diferentes do seu lugar: casa. A criança é acolhida quando é recebida sendo respeitada em suas especificidades. Acolhe-se quando se cuida dela integralmente. Acolhe-se quando se oferece um ambiente instigante, afetivo, curioso, prazeroso. Quando se permite à criança brincar, explorar, conhecer, expressar, interagir de forma significativa; interagir com seus pares, com objetos e materiais interessantes, com o próprio espaço, com adultos integrados ao seu momento de vida.

Todo dia o bebê sai de casa e chega à creche. Todo dia existe um movimento de separação; e por isso deve haver um movimento de acolhimento, da saída do colo de quem o trouxe (seja mãe, irmão, perueiro) para o colo de um adulto que vai se responsabilizar por ele e inseri-lo no contexto de ações da creche.

O ambiente deve estar preparado para as especificidades do bebê diariamente, entendendo ambiente como espaço físico e relacional. Há de haver cuidado com a preparação do espaço, com a oferta de materiais, com a distribuição das ações no tempo de modo a respeitar suas necessidades e demandas específicas. Deve haver tempo, espaço e materiais também para a brincadeira constante, a exploração sensorial, a exploração motora, o contato com diferentes linguagens; assim como deve haver possibilidade de viver diferentes tipos de interações com parceiros da mesma idade, crianças de outras idades e adultos atentos às suas necessidades e competências.



Todo dia o bebê deve ter garantidos momentos de privacidade na interação com o educador em encontros individuais e constantes. Encontros com um único adulto quando é trocado, alimentado, socorrido em uma emergência ou embalado para dormir. Encontro este que seja exclusivo, de intimidade entre essa dupla, para que se olhe de perto, para que o adulto possa falar dirigindo-se ao bebê e relatar suas ações com ele, no qual a criança aprenda a esperar por ele justamente por conta dessa experiência de exclusividade. Na pedagogia Lóczy, essa proximidade relacional também é denominada de “aleitamento relacional”, um nome sugestivo que se refere aos fluxos sensoriais que alimentam a criança nesse momento em que ela está “cativa” e sensível a esse adulto. O toque, a voz, o olhar, o olfato, enfim, todos os sentidos ajudam a tornar esse momento tão exclusivo e fundamental. Outro termo sugestivo que remete aos sentidos é o “envelope sonoro”, envolvendo a criança durante essas enunciações em que o cuidador antecipa suas ações junto ao bebê, contando cada gesto e atitude: “vou passar esse algodão no seu pescoço porque está sujo”, “vamos esticar esse braço devagar para colocar a roupa, assim; bem devagarzinho, vou puxar essa manga...”.

Todas essas dimensões de acolhimento– separação da família e chegada na creche, preparação de espaço diversificado de experiências, estabelecimento de vínculos afetivos com o adulto –apresentam desafios.

Entendemos que um dos modos de enfrentar os desafios é apostar no desenvolvimento da potência da criança, na promoção de suas potencialidades. Se o bebê tem condições de aprender, de desenvolver-se, de fazer, de se adaptar e de conquistar, cabe ao ambiente educacional (leia-se ação profissional, espaço e experiências sensíveis à criança) promover essas possibilidades ao status de realidade em ação.

Que potência é essa do bebê?

Poder de conhecer; poder de buscar o saber; poder de investigar, de descobrir, de ser ativo, de se impor e de se fazer percebido pelo adulto. Adulto que, por sua vez, tem o poder de cuidar e prover as necessidades do bebê, assim como interagir com ele, construindo aprendizagens e novas potências.

Esse é um processo gradual, que se inicia quando se compreende a necessidade de o bebê experimentar, ter tempo para conhecer seu corpo; seu corpo em movimento nas relações com os outros, na relação com os objetos, com o espaço e o ambiente como um todo. O educador deve compreender essa necessidade e, desse modo, permitir e favorecer que ele vivencie essas experiências.

Possibilitar ao bebê essas experiências pressupõe duas ações concomitantes e inter-relacionadas:

1. A prática de um currículo que garanta a imersão em experiências com pessoas e objetos, constituindo uma narrativa de vida.
2. A atuação de adultos observadores e atentos às competências e necessidades do bebê em todas as suas instâncias (afetivas, comunicativas, interativas...).

Este currículo pode ser pensado e até implantado nas diferentes instituições, planejar momentos verdadeiros de brincadeira e exploração de mundo. Momentos de experiências significativas onde os pequenos podem experimentar diferentes ações sobre objetos e materiais diversificados; locomover-se livremente ocupando espaços também diversificados; entrar em contato com a linguagem em suas várias dimensões; colocar em jogo todos os seus sentidos; interagir com diferentes parceiros, sejam eles adultos e crianças; ser respeitado em suas necessidades físicas e emocionais garantidas por relações afetivas e de qualidade.

Baseado nas ideias de Lóriz Malaguzzi entendemos que o espaço precisa ser imaginado

como ambiente de vida, com interfaces que favoreçam as experiências diversificadas e com uma estética adequada: *cores apropriadas, cuidado com a iluminação, na polissensorialidade, organização e altura da mobília, nos microclimas, em uma paisagem labiríntica nas salas...*² Acolher a criança nesse ambiente considerado como um “terceiro educador”. Esse espaço planejado pelo professor tem papel importante na organização da criança; é estruturante, pois, além de acolher, oferece a oportunidade de a criança interagir e constituir-se em suas potências. O espaço e a rotina têm que ser organizados para que todo dia seja igual e diferente ao mesmo tempo.

Podemos fazer uma relação com o terceiro na relação mãe-bebê. O terceiro aqui é, como na interdição paterna, aquele que também possibilita a estruturação psíquica do bebê.

Porém, só garantiremos sua eficácia se tivermos garantida essa segunda ação necessária: a da atuação de profissionais atentos às competências do bebê, que observem, reconheçam e acompanhem esse processo de forma ativa, fazendo intervenções comprometidas com o desenvolvimento da criança.

Esse tem sido um dos maiores desafios: a construção de um olhar para a singularidade e para o tempo de exploração da criança. Faz parte de nossa cultura e história de trabalho com bebês uma postura de atendimento antecipatório, ou seja, de um adulto que faz as coisas pelo bebê. Apoiado em uma visão de incompetência da criança e de preocupação excessiva com segurança, o educador tem tendência a antecipar os movimentos do bebê e impedir que ele corra riscos ou enfrente obstáculos desafiadores e possíveis de transpor. Há uma ansiedade do adulto que se sobrepõe ao fazer do bebê, impedindo que ele descubra por si suas competências e habilidades.

Como fazer com que o professor aprenda a olhar para a criança com o propósito de conhecê-la? Como esperar o tempo da criança, dando apoio e oferecendo presença?

Como já dissemos anteriormente, apostando nessa formação, que também deve ter como base a construção de um vínculo entre educador e formador. Entendendo que olhar se constrói, aprende-se, aperfeiçoa-se.



Acolhimento da Família

O bebê não existe sem a família. Portanto é ela que a escola também acolhe, na presença cotidiana, ao “deixar” a criança. Acolhe na atenção que a escuta propicia quando há algo não dito: a ansiedade, o medo, a insegurança, o olhar do outro sobre a decisão de escolher a escola como um lugar para a criança.

Família se separa da criança e de seu lugar da exclusividade.

Assim como o escutar das emoções dos educadores tem sido interdita, a da família mais ainda, pois é preciso aguentar sem reclamar, já que a escola ainda não é vista como direito, e sim como privilégio. A mãe, em especial, precisa trabalhar e, então, “tem que” deixar a criança. Ainda é preciso lidar com a não escolha, a creche indicada é aquela que o sistema escolhe.

2 Alfredo Hoyuelos no prefácio do livro *Afinal, o que os bebês fazem nos berçários?*, de Paulo Fochi. Ed. Penso, 2015.

Há pouco espaço para que sentimentos venham à tona. Então, o silêncio aparece com força, naquilo não dito. E o que não é dito transborda nos pequenos conflitos cotidianos: a roupa não suficiente, a troca não feita, a dor não tratada, a mordida descuidada.

O não dito se transforma em queixa e o dito, dependendo de como for dito, pode ter efeitos diversos, construtivos ou destrutivos.

As autoras Gonzales-Mena e Eyer³ identificam alguns estágios na formação de um relacionamento com os familiares das crianças. No estágio 1, o professor se vê como salvador, aquele que acha que trata a criança e cuida dela melhor que seus pais, toma decisões sobre a criança sem consultá-los; que competem com os pais e acham que podem “salvar” as crianças deles. Este comportamento é mais facilmente identificado em professores iniciantes. No estágio 2, o professor se sente um especialista, sente-se um substituto superior aos pais. No entanto, já sabe que o seu papel é diferente destes e que sua responsabilidade se refere ao tempo que a criança passa com ele. No estágio 3, o professor já reconhece a necessidade de trabalhar em conjunto com a família, quando os cuidados são compartilhados e o professor reconhece que está no seu papel também reforçar os laços familiares que a criança está construindo.

Além da comunicação, uma das questões mais complexas a ser trabalhada é o fato de o professor acreditar que as crianças deveriam ficar em casa com a mãe, que a escola é um mal necessário, muitas vezes ainda reforçada por médicos pediatras. Ao acreditar nisso, ele se sente pior por ter que deixar seus filhos e cuidar de filhos de outras pessoas. Há ainda uma desvalorização real do professor de crianças de 0 a 3 anos, e, por vezes, lidar com mães em situação profissional melhor do que um professor de bebês parece ser muito injusto. Efetivamente o é. Porém, esses sentimentos, mal formulados e escamoteados, podem ser a origem de muitos conflitos e sentimentos ambíguos depositados nos familiares. Se não houver um momento de escuta e de trabalho com esses sentimentos, a própria criança pode ser atingida pela raiva e insatisfação.

Por sua vez, as mães, em especial, podem se sentir preteridas ao perceber que a criança gosta muito de sua professora e fica bem com ela. Pais jovens, em especial, ou maduros que têm o 1º filho se sentem inseguros e sem referências para cuidar de seus filhos, mas não querem demonstrar isso e podem ficar “duros” e resistentes à ajuda e ao compartilhar sentimentos.

Para exemplificar essa questão, utilizaremos de um relato de cotidiano de creche apresentado em um livro sobre cuidados na mesma.⁴

O que você vê?

Uma mãe chega para buscar a filha. Ela está nitidamente com pressa. A filha corre atrás dela com os braços estendidos. A mãe começa a sorrir, mas depois olha para os joelhos da pequena calça cor-de-rosa que a filha está vestindo, que estão verdes, cheios de sujeira de grama. Uma franzida de sobrelha toma o lugar do sorriso. Ela levanta a menina bruscamente. Reclamando consigo mesma, ela pergunta à cuidadora mais próxima: “Como isso foi acontecer?”. Pela voz, a mãe parece tensa e cansada.

“Nós fomos lá para fora essa manhã. Deve ter sido quando aconteceu. Desculpe-me, posso ver que você ficou muito chateada com isso.”

3 Em: *O cuidado com bebês e crianças pequenas em creche*. (2014)

4 GONZALES-MENA, Janet; EYER, Dianne Widmeyer.

O cuidado com bebês e crianças pequenas na creche – um currículo de educação e cuidados baseado em relações qualificadas. Porto Alegre: Editora Penso – Grupo A & Mac Graw Hill Education. Pp. 298 e 307.

“Pode apostar que estou”, responde a mãe com raiva.

“Vai ser difícil tirar”, diz a educadora compreensiva.

“Sim, vai”. Há uma pausa na conversa. A cuidadora espera um momento, ainda muito atenta, à reação da mãe – talvez para ver se ela quer dizer mais alguma coisa. Então, a cuidadora acrescenta: “Você deve estar muito brava com a gente”.

Com essa, a mãe explode. As palavras dela se atropelam. Primeiro ela fala da raiva e depois sobre o encontro que terá com a mãe do noivo, para conhecê-la, e como é importante que a filha esteja com a melhor aparência possível. Ela fala sobre como se sente insegura com a nova família da qual fará parte. Quando termina de falar, ela parece melhor. A raiva passou e agora ela parece apenas um pouco nervosa.

“Você tem tempo de sentar por um minuto?”. Pergunta a cuidadora gentilmente.

“Na verdade, não”, responde a mãe, mas senta mesmo assim. Ela está segurando a filha ternamente agora e a criança brinca com o cabelo dela.

“Estou apenas tentando pensar em como podemos evitar que isso aconteça da próxima vez”, diz a cuidadora.

”Você pode mantê-la aqui dentro”, diz a mãe imediatamente.

“Odeio fazer isso”, diz a cuidadora. “Ela ama ficar lá fora”.

“Sim, eu sei.”, adianta a mãe.

“Além disso”, continua a cuidadora, “existem momentos em que estamos todos lá fora e não fica ninguém aqui dentro para observá-la”.

“Bem”, diz a mãe hesitante, “acho que posso colocar um jeans nela, mas ela fica tão fofinha assim... Quando vou para algum lugar depois do trabalho, como hoje, eu quero que ela esteja com uma roupa legal”. Ela pensa por um minuto. “Acho que faz mais sentido eu vesti-la quando chegar do que esperar que ela se mantenha arrumada o dia todo.”

“Certamente nos sentiremos melhor com ela vestindo jeans do que a tentá-la impedir de sujar as roupas o tempo todo.”

“Sim, acho que entendo... Bem...”, ela diz, levantando-se, “realmente preciso ir. Obrigada por me ouvir.”

Este exemplo, embora típico, não foi resolvido da maneira que costumamos ver cotidianamente. Aqui há uma preocupação genuína da educadora em se colocar no problema a partir da perspectiva da mãe, mas sem deixar de defender os interesses da criança e o programa da escola. É bem importante aprender a se colocar profissionalmente nestas situações, mas também sentir e viver o que deve ser sentido e vivido.

Uma formação consistente teria que dar conta de ambos os aspectos – ouvir o professor e ajudá-lo em seus sentimentos e emoções e, ao mesmo tempo, oferecer-lhes os instrumentos profissionais necessários para que ele possa lidar com o cotidiano de forma mais intencional e consciente, de forma que todos (criança, familiares e profissionais) possam criar uma estrada de trânsito livre para acolher e separar quando necessário.

Enfim, o olhar apurado às especificidades do bebê e da criança pequena, a palavra que dá significado às interações e ao processo de desenvolvimento e o silêncio que caracteriza a escuta atenta aos profissionais e familiares, assim como o tempo de experiência autônoma da criança, estão presentes na creche, espaço de subjetivação.

BIBLIOGRAFIA

CARVALHO, Maria Teresa V. de. *A creche, um elemento a mais na constituição do sujeito*. Dissertação de Mestrado. Instituto de Psicologia/USP, São Paulo, 2001.

FALK, Judith (org.). *Educar os três primeiros anos: a experiência Lockzy*. Araraquara: JM Editora, 2004.

DOLTO, Françoise; HAMAD, Nazir. *Destínos de crianças, adoção, famílias, trabalho social*. São Paulo: Martins Fontes, 1988.

GONZALES-MENA, Janet; EYER, Dianne Widmeyer. *O cuidado com bebês e crianças pequenas na creche – Um currículo de educação e cuidados baseado em relações qualificadas*. Porto Alegre: AMGH Editora Ltda., 2014.

GUERRA, Victor. A ética dos cuidados: o complexo arcaico e a estética da subjetivação. In: MARIN, Isabel Khan; ARAGÃO, Regina Orth (org.). *Do que fala o corpo do bebê*. São Paulo: Escuta, 2013.

GUIMARÃES, Daniela. *Relações entre bebês e adultos na creche – o cuidado como ética*. São Paulo: Cortez, 2011.

ORTIZ, Cisele; CARVALHO, Maria Teresa V. de. *Interações: ser professor de bebês – cuidar, educar e brincar, uma única ação*. São Paulo: Blucher, 2012.